

O imaginário coletivo na mídia: uma análise sensível da cobertura do telejornal na transposição das águas do Velho Chico

The collective imaginary in the media: a
sensitive analysis of the telejornal coverage in
the transposition of the Velho Chico's waters

Sobreira Leal¹

niltonredacao@gmail.com E-mail

Simões Lins²

euniceslins@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa ou descreve como a mídia, em especial o telejornal, compartilha dos elementos míticos e simbólicos presentes na coletividade, compreendendo que por trás de uma técnica utilitária está presente uma razão sensível que ultrapassa uma lógica positivista e cartesiana. Para tanto, o objeto de estudo foi a cobertura de uma greve de fome realizada pelo Bispo Flávio Cáprio, no ano de 2007, contra a transposição das águas do rio São Francisco. São analisadas a narrativa e as imagens de duas reportagens sobre a transposição do “Velho Chico”, a fim de verificar o diálogo presente no processo de midiaticização e a construção dessas imagens símbolos. A análise foi fundamentada na teoria do imaginário de Gilbert Durand (1988), o Imaginário Social proposto por Michel Maffesoli (2001) e a narrativa jornalística a partir das ideias de Motta (2006). Foi verificado que o protesto encabeçado pelo religioso despertou um sentimento que ultrapassa o discurso racional e técnico e produziu novas formas de perceber o real, estimulando diretamente o imaginário social da escassez e falta d'água, já presente tanto na literatura quanto nas produções

ABSTRACT

This article analyzes or describes how the media, especially television news, share the mythical and symbolic elements present in the collectivity, understanding that behind a utilitarian technique there is a sensible reason that goes beyond a positivist and Cartesian logic. For this purpose, the object of study was the journalistic coverage of a hunger strike by Bishop Flávio Cáprio in 2007 against the transposition of the waters of the São Francisco River. The narrative and the images of two reporters on the transposition of the “Velho Chico” are analyzed in order to verify the dialogue present in the process of mediatization and the construction of these symbolic images. The analysis was based on the theory of the imagination of Gilbert Durand (1988), the Social Imaginary proposed by Michel Maffesoli (2001) and the journalistic narrative from the ideas of Motta (2006). It was found that the protest led by the religious aroused a feeling that goes beyond rational and technical discourse and produced new ways of perceiving the real, directly stimulating the social imaginary of scarcity and lack of water, already present in both literature and film

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB). R. Silveira Martins, 2555 – Cabula, Salvador (BA).

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Campus I – Lot. Cidade Universitária, João Pessoa (PB).

cinematográficas, e que a cada ano ganha mais força com as políticas de preservação dos rios e mananciais.

Palavras-chave: Imaginário. Telejornalismo. Mídiação. Transposição.

productions, and that each year gets stronger with the policies of preservation of rivers and springs.

Keywords: Imaginary. Telejournalism. Mediatization. Transposition.

Introdução

Ao imaginar novos cenários, nos quais estão presentes as utopias de um mundo melhor ou mesmo as catástrofes naturais, é possível perceber como o homem coloca em ação o seu modo de produzir imagens no cotidiano, tais como as produções cinematográficas que relatam a escassez d'água, a exemplo do filme *mad max*³ (2015); ou mesmo futuros distópicos, onde as máquinas vão dominar os homens em seus sentimentos, como no caso do filme *HER*⁴ (2013).

Em todas essas produções, o homem vem produzindo sentidos, formas de entender o mundo a nossa volta, que aparentemente distantes do real, remetem a reflexões cotidianas e podem influenciar a cultura. No caso específico do nosso estudo, buscamos observar esse quadro na narrativa do telejornal, no qual analisamos como esse produto incorpora narrativas míticas dentro dos processos de mediação que ajudam a consolidar e (re) significar mitos e imaginários.

Braga (2006) nos ajuda a refletir sobre o processo dialético entre mídia e sociedade, nos estimulando também a compreender os processos de interação que estão por trás do fazer midiático. Pressupomos assim que, as trocas simbólicas também ganham evidência e ajudam a construir sentidos. Para tanto, analisa-se as imagens construídas no telejornal da TV Grande Rio, afiliada à rede Globo de Televisão, localizada na cidade de Petrolina-PE, que se encontra às margens do rio São Francisco, bem como a relação dessas imagens com o imaginário social e o projeto de transposição das águas do “Velho Chico”, como é conhecido.

O nosso recorte foi a greve de fome, realizada no ano de 2007, pelo Frei Cápio contra a transposição das águas do rio São Francisco. O protesto despertou um sentimento que ultrapassou o discurso racional e técnico

dos especialistas responsáveis pela obra, e produziu novas formas de perceber o real na dialética razão e mitos.

Ao produzir um discurso com dados históricos e relatórios de que essa transposição não iria afetar a vida do rio, os argumentos políticos e científicos confrontam outro tipo de conhecimento que está mais voltado ao emocional, ao afetivo, ligado diretamente ao Imaginário, a razão sensível, para o qual, acreditamos existir além dos discursos e argumentos técnicos, imagens simbólicas que envolvem os processos midiáticos de forma a favorecer novas formas de entender e assimilar os fenômenos sociais, o que nos proporciona pensar esses cenários através de uma teoria mais fluida, que descarta a tentativa objetiva de descrição e explicação do mundo.

Partindo dos estudos propostos por Gilbert Durand (1988) e Michel Maffesoli (2001), compreendemos, que na constituição tanto das produções literárias, cinematográficas, ou mesmo do telejornal, existe uma ligação entre razão, imaginação e sociedade acariciante. Essa capacidade do *homo* de imaginar, de estar ligado ao imponderável, pode ser considerada uma das essências do espírito humano, um conhecimento sensível, que influencia nosso dia a dia “a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (Pitta, 2005, p. 15).

Essa ligação com o simbólico está presente em muitas das ações cotidianas, numa espécie de interpretação e significação do mundo. Esse homem seria então um produtor de sentidos e interpretações do mundo que o cerca. Segundo Durand (1998), o pensamento humano se dá na forma de representação e se configura através das articulações simbólicas que promoveriam um sentido, uma forma de perceber as mensagens do telejornal em sua totalidade.

Tais percepções nos estimulam a um pensamento sobre o fato de que no Jornalismo, os profissionais envolvidos na produção são atores sociais que compartilham

³ É uma produção de George Miller, que já se encontra no 4º título, e se passa em um cenário desértico de um futuro pós-apocalíptico, onde temos a água e a gasolina como os bens de maior valor.

⁴ Uma produção de Spike Jonze, do ano de 2003, que conta a história de um amor incomum entre o homem contemporâneo e a tecnologia.

um quadro de imagens não apenas materiais, concretas, palpáveis e visíveis aos olhos, mas também constituídas de matéria subjetiva e povoadas por imagens, símbolos e mitos. Estes elementos aparentemente distantes de uma lógica “objetiva”, tão difundida pela mídia como bandeira de isenção e credibilidade, mas que acreditamos poder influir diretamente no ângulo de produção e construção da notícia. Assim existiria dentro desse quadro, a possibilidade de que os profissionais envolvidos no telejornal, mesmo inconscientes disso, não estão preocupados em somente passar uma informação clara e objetiva, mas também em emocionar, estimular a indignação numa interação entre matrizes arquetípicas, permeadas de valores simbólicos.

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela aspectos da realidade- os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Por isso, seu estudo nos permite melhor conhecer o homem, “o homem simplesmente” aquele que ainda não se compôs com condições da história. Cada ser histórico traz em si uma grande parte da humanidade anterior à História” (Eliade, 1991, p.8).

Para Motta (2006), os textos jornalísticos refletem muito mais que o cotidiano, nos dando a possibilidade de vivenciar experiências estéticas, fáticas e diegéticas, produzindo, desse modo, o efeito narrativo. Sob a luz dessa ideia acreditamos que o Jornalismo de forma geral, muito além do seu discurso objetivo, técnico e institucionalizado, estrutura o real numa recriação dos mitos, que podem estar evidentes ou além dos sentidos imediatos do texto. Essa característica aparece na elaboração da narrativa, que se dá não só na escolha do ângulo da história ou no corte que o jornalista faz do real, mas também, na construção simbólica do enredo e de suas ações descritas.

Por uma razão sensível e a imagem simbólica

Nesse artigo, ressaltamos a razão sensível, bem como o Imaginário, de forma sucinta, alicerçados no pen-

samento de Durand (1988) e Maffesoli (2001), buscando entender o social em todas as suas dimensões, sejam elas lógicas ou oníricas, palpáveis ou não, onde o real e a realidade caminham ao lado das pulsões subjetivas, dos sonhos e também das ações concretas.

Não há domínio que esteja indene da ambiência afetual do momento. A política, evidentemente, que se tornou um vasto espetáculo de variedades que funcionam mais sobre a emoção e a sedução do que sobre a convicção ideológica; mas, igualmente, o trabalho, onde a energia libidinal exerce um papel importante; e não esquecendo todas as efervescências musicais e esportivas que são tudo menos racionais. Tudo isso mostra que existe uma dialética entre o conhecimento e a experiência dos sentidos (Maffesoli, 1998, p.192).

Nesse ponto, também evidenciamos as estratégias dentro do processo de midiaticização que são capazes de transformar uma imagem em símbolo quando compartilhadas em interações, receptores e emissores, num processo que, de certa forma, rompe com antigos discursos onde a mídia teria o poder único da mediação, um quadro que resgata a recepção como importante elemento no processo de construção de realidades.

Estes fatos aparentemente restritos às rotinas jornalísticas suscitam discussões, e pelas complexidades apresentadas, torna-se importante indagar sobre as causas destas mutações, que fazem aspectos estratégicos da prática jornalística escapar do seu clássico âmbito produtivo, impondo efeitos sobre a força do trabalho autoral do jornalista, especialmente sobre a natureza de sua “mediação técnica-simbólica” (Fausto Neto, 2009, p.18).

No caso específico do nosso estudo, o que se apresenta na construção da narrativa compartilhada evidencia um símbolo de resistência e luta (a greve de fome do Bispo) contra a possível morte do rio. Ao analisarmos essas imagens, pressupomos que as emoções e os sentimentos são partes integrantes do processo de pensar, e dessa forma estão presentes nos processos comunicacionais, ajudando na *consolidação de imagens* e práticas sociais, o que (Rosa, 2014, p.13) chama de uma “totemização”.

Essa totemização estaria associada às trocas presentes entre instâncias midiáticas e atores individuais no processo de midiaticização, o que garantiria a construção do símbolo “o símbolo que circula nos jornais, nas revistas, nos sites e blogs é fruto das interações de instituições não midiáticas, atores individuais e, principalmente, institui-

ções midiáticas, que têm como essência o fazer jornalístico, via dispositivos midiáticos” (Rosa, 2014, p. 14).

Nesse ponto, a autora traduz a força das imagens, dizendo que quando veiculadas pela mídia, numa troca com atores sociais, adquirem uma “característica que sobrevive para além do tempo dos acontecimentos” (Rosa, 2014, p. 13). Poderíamos comparar essa afirmação ao que Maffesoli (2001) ressalta sobre o Imaginário, para ele o Imaginário se aproxima daquilo que Walter Benjamin (1987) chamou de ‘aura’, ou seja, uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, a construção mental de um povo. O Imaginário é o imponderável; é o estado de espírito que une um povo, o coletivo; é o cimento social que estabelece vínculo; é a fonte comum de modos de olhar a realidade; é um estilo; é a aura de uma ideologia; é a alquimia que é ao mesmo tempo impalpável e real.

Ao falarmos desse quadro imagético ao qual o homem está inserido, analisamos uma relação entre as narrativas construídas no telejornal e a relação dessas construções com o Imaginário, abandonando a opção racionalista radical que marcou por muitos anos o ocidente. Nesse caso, nosso interesse sai de uma relação dogmática para uma relação de comunhão de ideias que não deixa de fora do processo de construção do conhecimento a razão sensível, e que liga outros conhecimentos presentes nas artes, nas religiões e no senso comum. Assim, anulamos a perspectiva teórica que por muito tempo associou as imagens e o Imaginário somente ao místico, ou fantasioso.

Esse pensamento alimentava-se dos ideais da razão, da técnica e da ciência, para o qual todos esses valores desaguiam, no final de tudo, na construção de um mundo melhor. Tal constatação pode ser visualizada na base filosófica platônica, que ao instaurar uma divisão fundamentada na ideia de um mundo sensível, e outro das ideias, acaba por inibir outras formas de constituição do conhecimento. Contudo, Durand (1996), lembra que por trás de todo esse processo hipócrita do iconoclasmo oficial, o mito continuou a ramificar seus galhos, graças ao avanço da mídia, que reintroduziu as imagens no uso do pensamento cotidiano.

A motivação de Durand ao estudar o imaginário era buscar, nos componentes fundamentais do psiquismo humano, as estruturas profundas arquetípicas, nas quais se ancoram as representações simbólicas e o pensamento. Era estudar o homem como produtor de imagens, conhecer as que o estruturam e todas as suas obras. Para isso, partiu do pressuposto de que se pode reconhecer,

geneticamente, na psique de cada indivíduo vários níveis matriciais, nos quais se constituem os elementos simbolizantes do símbolo, ou seja as forças de coesão impulsionadoras das atitudes psicofisiológicas que padrões símbolo-culturais vão derivar; acentuar, apagar ou reprimir numa dada sociedade (Teixeira, 2004, p. 4).

Entendemos, a partir dessa definição, que para Durand (1996), o Imaginário está dentro de um processo biopsicossocial, onde o biológico através da herança genética e a cultura dos indivíduos, promovem construções objetivas e influenciam diretamente na constituição da vida, e esse processo daria então sentido ao trajeto antropológico. Seria então esse trajeto antropológico, responsável por nos manter ligados a matrizes arquetípicas e suas (res) significações cotidianas.

Por uma análise mitocrítica no telejornal

Diante dos métodos que fazem parte da teoria do Imaginário, para oferecer respostas que estão além do discurso cartesiano, optamos nesse artigo por uma análise Mitocrítica, metodologia que visa depreender a partir das manifestações culturais de uma dada sociedade, quais os mitos diretores que estão por trás destas produções, no nosso caso específico, o telejornal. Durand (1985) defende que esses mitos que acompanham a sociedade desde o início dos tempos estão permanentemente circulando nas relações humanas, estando em maior ou menor evidência. É, diante dessa lógica, que a nossa pesquisa se encontra, pois isso significa que temos mitos dominando o pensamento em cada fase da humanidade.

Ao falar desse telejornal, concordamos com a opinião de Vizeu e Correia (2009), que diz que o telejornal é um lugar de referência, onde os cidadãos se localizam no mundo, sendo assim, supomos então que esse produto compartilha com a audiência de experiências cotidianas e simbólicas que influenciam diretamente na forma como as notícias e os critérios de noticiabilidade são selecionados e apresentados.

Nesse ponto temos que levar em consideração o dinamismo do Jornalismo na difusão de imagens o que nos estimula a pensar no fenômeno jornalístico como difusor de imaginários, que para além de um conceito ideológico, manipulador e de manutenção de um status quo, pode nos oferecer ângulos diferentes para pensar o papel das notícias na produção e circulação de sentidos.

Não temos a intenção aqui de colocar o Jornalismo como algo estático ligado a formas cristalizadas e universais de se contar histórias, mas sim jogar luz sobre essa atividade enxergando sua potência criativa e emancipadora, entretanto muitas das pesquisas que tratam da dimensão simbólicas da notícia enxergam nos mitos uma manutenção de ideias e discursos vigentes.

Em um de seus trabalhos, Barnett (2006) afirma que os jornalistas lançam mão dos mitos de modo consciente ou inconscientemente, como se fossem scripts culturais familiares que lhes permitem organizar, simplificar e interpretar as informações – algo de grande valia no dia a dia da profissão, marcado por deadlines curtos, pela dificuldade em acessar as fontes, pela indisponibilidade de recursos financeiros e pela observância dos valores e preferências da comunidade. Barnett (2006), ainda diz que o emprego desse recurso narrativo resulta em coberturas jornalísticas superficiais, generalizadoras e descontextualizadas, que se esquivam de confrontar visões de mundo cristalizadas na sociedade e ignoram particularidades e contradições inerentes aos fatos, sobretudo aos mais complexos.

A contribuição de autores como Dartan (1975), Barthes (1975), Bird e Dardene (1993), Barnett (2006), entre outros, nos revela a possibilidade de um padrão consensual na forma de abordar os acontecimentos, através dos estudos da teoria do Imaginário. Contudo, tais pesquisas contradizem uma perspectiva de que ao estudar o Imaginário no fenômeno jornalístico, devemos reconhecer o trânsito entres simbologia mítica e história, entre o passado arcaico/tempo primordial e o presente/tempo cronológico, concebendo o Imaginário como um fenômeno que comporta tanto uma dimensão residual, imutável, perene, quanto uma dimensão histórica, temporal e dinâmica. Compreendemos então que este trabalho estimula pesquisas interessadas não em dominações ideológicas ou acentuar diferenças, mas sim em buscar entender a vitalidade das notícias, observando suas rotinas, formas de produção, técnicas e também contextos socioculturais sem um pensamento maniqueísta, o que se faz necessário pensar o fenômeno jornalístico a partir de abordagens que fujam da dicotomia objetividade/subjetividade e que

tornem possível, pois, investigar as manifestações do simbólico-mítico nas notícias para além do consensualismo (MAIA, 2011).

Ao trazer para esse estudo as questões que envolvem o campo do Jornalismo e a teoria do Imaginário, revelamos o quanto as pesquisas nessa área mostram-se pertinente ao estudo do fenômeno jornalístico, não só porque a simbologia mítica atravessa os diversos campos da produção de significados e designa-se por uma potência inventivo-criativa e transformadora, o que coloca o Jornalismo como uma prática fortemente arraigada ao cotidiano social, que se configura tanto como um produto, quanto como um produtor da memória coletiva da sociedade e, logo, como espaço de manifestação míticas e simbólicas. No caso específico do telejornal, a nossa análise tenta compreender como ângulos e enquadramentos e o cotidiano dos profissionais ajudam na construção de visões de mundo, ligadas a contextos históricos, políticos e culturais.

Ao pesquisar sobre a teoria do Imaginário e o Jornalismo, temos a intenção de compreender de que forma as imagens e os mitos aparecem nas reportagens do telejornal local, e num processo de circulação passam também a circular em outras mídias, isso porquê concordamos com Vizeu (2009), quando ele diz que esse produto midiático, o telejornal, ainda ocupa grande parte das salas da população brasileira, agindo como uma praça pública⁵.

Dizendo de outra forma, embora a internet tenha conseguido chegar mais rápido na veiculação de conteúdo, esse recurso pode não estar ao acesso de todos os brasileiros de camadas mais pobres da sociedade, contudo imaginar a internet em oposição à televisão é bobagem; ao contrário, ela é apenas mais uma forma de enviar e receber a televisão. E a TV está se tornando mais popular, não menos. Suspeito que estamos testemunhando uma transformação da TV ao invés do seu falecimento (MILLER, 2009).

Oliveira (2018), também vê o telejornal como produto cultural expandido, onde longe de ser apenas uma produção técnica, ele é promotor de culturas. Ao migrar para outras plataformas, como a internet, o telejornal não perde sua vitalidade, nem sua linguagem.

⁵ De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, de 2015, a televisão continua como meio de comunicação predominante no país. Dos entrevistados, 95% afirmaram ver televisão, 72% possuem acesso à TV aberta e 79% disseram que assistem TV para se informar. Em média, os brasileiros passam 4h e 31 minutos na frente da televisão, de segunda a sexta-feira, e 4h e 14 minutos, nos finais de semana. E a faixa de maior audiência é das 20h às 20h59, na qual se encontra o Jornal Nacional da Rede Globo, o telejornal mais antigo no ar e o mais assistido no país, segundo a pesquisa (BRASIL, 2014, p. 7).

Poderíamos dizer preliminarmente, que essas mudanças são características emergentes possibilitadas pela convergência midiática, mas sobretudo, devido as mudanças culturais dos telespectadores/usuários e mudanças político-econômicas das empresas, que estão atentas ao comportamento migratório do seu público. Por outro lado, do ponto de vista da produção de conteúdo, do formato dos telejornais em questão, percebemos que se trata de características ainda dominantes, oriundas dos telejornais clássicos, considerados como referências e veiculados na televisão (OLIVEIRA, 2018, p. 14).

Tais elementos apresentados aqui são apenas alguns que revelam a complexidade da reportagem na construção e veiculação das notícias, o tom coloquial, a produção do texto, a subjetividade dos atores envolvidos até chegar a apresentação da reportagem, são elementos do telejornal que fazem uso dos recursos técnicos, mas também de sedução de emoções interpretações e representações, a ponto de consideramos a reportagem jornalística como uma tecnologia do imaginário. Sendo uma tecnologia do imaginário, pressupomos que o telejornalismo é acionado por várias vozes a fim de construir imagens e imaginários de várias situações. Machado (2002, p.103) fala que:

Tecnicamente falando, um telejornal é composto de uma mistura de distintas fontes som: gravações em fita, filmes, material de arquivo, fotografia, gráficos, mapas, textos, além da locução, música e ruídos (...) o que importa é extrair as consequências necessárias dessa estrutura básica: o telejornal é antes de mais nada, o lugar onde se são atos de enunciação a respeito dos eventos. Sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como seu discurso com relação aos fatos relatados.

O quadro apresentado, nos faz optar por uma pesquisa descritiva, do tipo documental, tendo como interesse darmos conta da razão interna que move os atores sociais (nesse caso, os jornalistas da TV) na construção de narrativas que falam sobre a transposição do rio São Francisco, tentando captar suas percepções, tanto plurais, técnicas culturais, como oníricas, na elaboração e veiculação das reportagens. Nesse aspecto, também mencionamos a mi-

diatização como um processo, que vai além da mídia em sua dimensão técnica, se espalhando na estrutura social e produzindo novas relações comunicacionais.

Desse modo, a pesquisa é descritiva porque buscamos compreender a atmosfera estética, sentimentos e emoções compartilhados, numa situação mundana. Seria descrever as vibrações míticas numa situação social, onde os mitos nos ajudam a entender as relações humanas e guardar a chave para a compreensão de nossas ações na vida, oferecendo modelos que conduzem o ser humano a concretude.

Em qualquer época ou tempo, o mito estará diretamente ligado a conflitos fundamentais da vida, a exemplo do medo, do orgulho, das perdas. Traçamos também um caráter documental, porque nossa fonte de informação são duas reportagens veiculadas pelo noticiário da TV Grande Rio, em Petrolina-PE. O material foi escolhido por estar dentro de um contexto que nos aproxima dos sentimentos coletivos e individuais, estimulados pelo assunto, que ganhou notoriedade com a greve de fome do religioso, Luís Flávio Cáppio, Bispo da diocese de Barra, no Estado da Bahia, que por quase um mês não comeu, se alimentando apenas da água do rio, em protesto contra o projeto do Governo Federal.

A ação altruísta dividiu opiniões e sensibilizou a sociedade. Pressupomos que tal fato estimulou uma sacralização da vida mundana em torno do mito, ou seja, o mito passou a viver na ação do religioso e essa imagem mitológica parece ter sido ampliada e difundida através dos profissionais da TV, num processo de criação de um cenário místico e de sacrifício.

Nosso interesse então é perceber como o telejornal alimentou, através de suas narrativas, e técnicas de enquadramento essas imagens e esse imaginário sobre o rio e a transposição, analisando assim, como acontece esse diálogo entre *logos* e *mythos*, na narrativa jornalística. Nesse tópico também revelamos qual percurso adotamos para escolher esses documentos (reportagens em detrimento de outros). Fizemos essa caracterização a partir da visão de Lucia Santaella (2001), levando em questão a construção das reportagens e sua veiculação com arquétipos e mitos, presentes tanto nas imagens, quanto no enquadramento do depoimento do religioso. A intenção foi tentar perceber se existe mesmo um elemento mítico na forma de contar a história da transposição pelas lentes do telejornal local, e como esse elemento se estrutura.

Quanto ao território da mensagem, trata-se de reportagem televisiva que apresenta relatos tanto do religioso, quanto dos próprios ribeirinhos, gente da co-

munidade, que nos enquadramentos dados pela emissora, parecem trazer uma ideia de que o rio está doente e precisa ser revitalizado antes de uma transposição.

Quanto ao território do código, refere-se a matéria jornalística, ou seja, os signos são organizados em termos de informações úteis para o público. Portanto, a gramática do telejornalismo é informativa e de utilidade pública. As reportagens dão a comunidade informações recentes dos acontecimentos sobre o projeto do governo e da greve de fome do Bispo.

O noticiário também trouxe informações sobre as obras em Cabrobó, cidade também localizada no sertão Pernambucano, e escolhida como um dos eixos para as obras que irão transportar a água. As reportagens procuram esclarecer a população se as obras continuam paradas por conta de uma liminar, ou se voltarão. O noticiário também passa informações sobre as caravanas que chegaram para visitar o religioso, em apoio a não transposição, e informam sobre o estado de saúde do Bispo, que piorava a cada dia.

Quanto ao território dos meios e o modo de produção, os documentos selecionados são todos audiovisuais (reportagens jornalísticas) exibidas pela TV Grande Rio. A maioria das reportagens obedece a lógica do telejornal e são veiculadas, variando entre 1:30 a 3:00 minutos. Uma característica interessante é que em grande parte das reportagens foram gravadas durante o dia, em ambientes abertos e com muita luminosidade, onde as águas do Velho Chico são evidenciadas.

Quanto ao contexto comunicacional da mensagem, a reportagem se refere aos protestos contra a transposição do Velho Chico, na região do Submédio São Francisco, no período de outubro a dezembro de 2007, e que culminaram com a greve de fome do Bispo Luís Flávio Cáppio, ocorrida na capela de São Francisco de Assis, na cidade de Sobradinho, pequeno município do sertão baiano. O período chama atenção pelo alcance social do protesto, o que trouxe grande repercussão ao assunto, principalmente na região do Vale do São Francisco.

A região que hoje é conhecida nacional e internacionalmente como Vale do São Francisco, é o local onde estão localizadas as cidades de Petrolina, em Pernambuco e Juazeiro, na Bahia. Os dois municípios desenvolveram-se em torno dos projetos da fruticultura irrigada, e hoje são polos de exportação das frutas brasileiras. Nesse cenário, acreditamos existir uma aura que envolve todo um imaginário social sobre a importância do rio para o desenvolvimento econômico e social da região.

Velho Chico: narrativas míticas e simbólicas no telejornal

A possibilidade de acabar com o flagelo da seca e suas ramificações sociais, continua alimentando a imaginação e o sonho de muitos nordestinos que moram tanto em grandes cidades quanto nas zonas rurais do semiárido. Obter água em abundância, rios e riachos cheios, além de uma natureza verde e fartura o ano inteiro, alimenta um imaginário sertanejo.

Supomos que são essas imagens que estão na ordem do coletivo e constituem construções mentais, numa lógica que permite o processo de criação e manutenção do Imaginário presente tanto no psiquismo como também no biológico, entendendo assim que, a produção das imagens começa neurobiologicamente, para então se manifestar na cultura. Sendo assim, essas imagens seriam capazes de potencializar práticas cotidianas e construir realidades. “De algum modo o homem age por que sonha agir” (MAFFESOLI, 2001, p.04). Assim seriam essas imagens psíquicas estimuladoras reais da vida humana.

Nesse cenário, ao falar da relação entre transposição das águas do Velho Chico, Imaginário coletivo e telejornal, pretendemos caminhar num terreno fértil, irrigado por imagens e técnicas, que se nutrem nas relações cotidianas, socioculturais e ajudam a construir uma forma de pensar o rio e a transposição. Ao falar da água e sua relação direta com o Imaginário, observamos o seu valor, tentando assim, contribuir com as discussões atuais sobre o problema da água no planeta, visto que esse recurso é o elemento natural que mais preocupa a humanidade atual e suas perspectivas futuras.

Fazemos referência aqui a Bachelard, no livro “Águas e os sonhos” (1989), pois, para o filósofo, as águas estimulam um processo criativo e também estão diretamente ligadas a constituição da natureza humana, nos possibilitando formas de interpretar e sentir o mundo onde vivemos. Ao fazermos esse relato da água, deixamos claro qual é a nossa intenção ao falar desse elemento, que tem uma relação mítica com o Nordeste.

Desde a antiguidade, passando pelo período pré-socrático, a água ocupa um lugar de destaque na comunidade. A possibilidade da transposição das águas do Velho Chico chega como uma promessa “divina” de salvação para os que sofrem, assumindo diante desse quadro uma importância ecológica, histórica, econômica, social e também simbólica.

A notícia de que seria possível transportar a água do rio São Francisco para regiões mais secas, transformou-

-se em esperança para os nordestinos de todas as épocas, o “monstro” da seca seria vencido por esse projeto falado desde os tempos do Império, quando em 1877, o intendente do Crato, no Ceará, apresentou para D. Pedro II um projeto que levaria águas do rio São Francisco até o rio Jaguaribe, no seu estado. Contudo, a obra só viria a sair do papel 130 anos depois, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, com base no projeto elaborado no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Nesse aspecto, não estamos aqui interessados nas características políticas e econômicas da obra da transposição, mas sim no seu valor simbólico e nas sensações que ela provoca quando mediada pelo telejornalismo local, como difusor de imagens e imaginários e consumida por atores sociais midiaticizados. Assim vemos o telejornalismo como uma das tecnologias do Imaginário (Silva, 2006), que alimentam imagens não num sentido determinista, mas de troca com a audiência.

Para o historiador Albuquerque Júnior (1999), o Nordeste é uma produção imagético- discursiva, que veiculada pela mídia ao longo dos anos, constroem sentidos com repetição de enunciados que são tidos como definidores do caráter da região e do seu povo de forma estereotipada. Na análise do pesquisador, o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente, que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. Ou seja, “o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo” (Albuquerque Júnior, 1999, p.22).

Considerando a observação do autor, que na construção da narrativa jornalística, alguns ângulos são mais evidenciados que outros, reforçamos o que diz Charau-deau (2012), sobre o universo da informação midiática que é efetivamente construído, e desta forma, a mídia tem como propósito impor ângulos e recortes do mundo previamente articulados.

No caso específico do Vale do São Francisco, presenciamos um movimento complexo da mídia. Nesse espaço, em meio ao sertão nordestino, as águas azuis do rio e o verde das plantações irrigadas pelas águas desse mesmo rio, dão a região um lugar de destaque e alimentam nos seus moradores a ideia de um “oásis” em meio às adversidades naturais da região. São várias as reportagens televisivas que mostram o progresso do Vale do São Francisco aliado as águas do Velho Chico, a superação, a vida,

alimentando arquétipos, símbolos e mitos que ajudam a contar a história da região e influenciam diretamente nas práticas sociais.

Das análises

As notícias da transposição das águas do rio São Francisco sempre estiveram em circulação na mídia da região de Petrolina, em Pernambuco, e Juazeiro, na Bahia, ambas cidades banhadas pelas águas do Velho Chico. As imagens colocadas em circulação por essas mídias, produzem sentidos e geram práticas simbólicas, daí o nosso interesse em compreender especificamente como essas imagens veiculadas pelo telejornal local se alimentam do imaginário coletivo, dentro do processo de midiaticização, ou seja, como elas são colocadas em circulação, se transformando em símbolos.

Contudo, temos que levar em consideração que no momento desse recorte (2007), grande parte das redes sociais ainda estavam num processo de consolidação de suas potencialidades informativas. Diante disso, nessa análise usamos do conceito de midiaticização como forma de estimular a sua importância nos estudos que envolvem a mídia e sua produção de sentidos, compreendendo sua importância metodológica para esse estudo. Nesse quadro também recorremos a mitocrítica, como base para compreensão do fenômeno comunicacional e sua relação com a teoria do Imaginário. A seguir, o texto off das duas reportagens e suas respectivas análises.

OFF// FRAGILIDADE – FREI CÁPPIO
<https://youtu.be/F8oxjidZCV4>

OFF// QUASE CINCO QUILOS MAIS MAGRO E APARENTEMENTE ABATIDO, O RELIGIOSO FAZ CAMINHADAS DIÁRIAS E CONVERSA COM AS PESSOAS/ O BISPO DIZ QUE SE SENTE FORTE// ELE CONTINUA BEBENDO ÁGUA DO RIO/ POR DETERMINAÇÃO MÉDICA, PASSOU TAMBÉM A BEBER SORO CASEIRO PARA NÃO DESIDRATAR//

SONORA: Frei Cápio – Percebo que o organismo está forte. Por recomendação médica, eu aderi ao soro caseiro. Porquê, pelo que nós estamos percebendo, essa luta vai ainda demorar muito. Então é necessário a gente recompor alguns sais pra manter o equilíbrio metabólico, e assim ter gás para continuar lutando.



Figura 1. Bispo tomando o soro caseiro.

Figure 1. Bishop taking homemade serum.

Fonte: Centro de documentação Tv Grande Rio

OFF// O RELIGIOSO RECEBE E-MAILS E CARTAS DE SOLIDARIEDADE// AS VISITAS NÃO PARAM// ONTEM À TARDE A EX-SENADORA HELOISA HELENA VEIO DE BRASÍLIA PARA VISITAR DOM LUÍS//

SONORA: Heloisa Helena – “O que a gente espera é que as pessoas tenham o mínimo de sensibilidade pra entender que esse momento, que embora para Dom Luís seja um momento de inspiração divina pra nós, é um momento de tanto sofrimento pra ele, que eles possam se sensibilizar e reabrir toda uma pauta de negociação”.

OFF// MAIS DE TRINTA PESSOAS QUE ACOMPANHAM O BISPO TAMBÉM ESTÃO FAZENDO JEJUM// É UMA GREVE DE FOME SOLIDÁRIA QUE DURA VINTE E QUATRO HORAS// FAZEM O JEJUM SOLIDÁRIO, PADRES/ MORADORES DO MUNICÍPIO DE SOBRADINHO E ALGUNS ROMEIROS QUE JÁ ESTÃO ACAMPADOS AO LADO DA IGREJA//

SONORA: morador da cidade - “É uma causa não só de Dom Luís, mas é uma causa em defesa de toda vida, do rio São Francisco, do meio ambiente, das gerações presentes e futuras também”.

A narrativa aqui apresentada mostra a fragilidade, mas também oferece ângulos de determinação e mobilização social, onde, segundo a reportagem, não param de chegar pessoas para visitar o Bispo em solidariedade ao seu protesto. Um dado interessante na análise é que todas as reportagens acontecem durante o dia, nessa, especificamente, é exaltada em plano quase fechado à imagem do Bispo sentado numa cadeira, mostrando sua fragilidade em não poder mais ficar de pé. Entretanto a mesma imagem é também construída de forma a produzir sentidos de determinação e resistência.

Na mesma tomada, ao fundo, são registradas imagens de pessoas conversando, mas o foco principal parece ser mesmo no rosto de Cáppio, um recurso encontrado para mostrar o quanto o franciscano está mais magro e abatido, reforçando assim o sacrifício dele na luta contra a transposição das águas, procurando sensibilizar o telespectador. Ainda como forma de reforçar a ideia, um ângulo da imagem mostra o Bispo embaixo de uma árvore, focando nos seus gestos e expressões faciais. Em seguida, as imagens voltam a exibi-lo rodeado de pessoas, onde Cáppio aparece conversando. A ideia do enquadramento sugere que ele é ouvido por todos, um exemplo a ser seguido.

A imagem também destaca, em plano fechado, o Bispo tomando soro caseiro, num copo de vidro, obedecendo a uma recomendação médica, já que, segundo a reportagem, ele está desidratado e muito fraco. Essa imagem se fortalece não só na TV, mas também em ou-

tras mídias e entre os atores sociais, já que sugere que o Bispo só se alimenta da água do rio, o que nos supõe uma imagem totem (Rosa, 2014). Imagem essa, que parece traduzir todo um sentido presente na ação simbólica. Num segundo momento entra a fala de Cáppio, de modo a dizer que continua forte:

Percebo que o organismo está forte. Por recomendação médica, eu aderi ao soro caseiro. Porque, pelo que nós estamos percebendo, essa luta vai ainda demorar muito. Então, é necessário a gente recompor alguns sais pra manter o equilíbrio metabólico, e assim ter gás para continuar lutando (informação verbal).

As imagens se voltam agora para papéis em cima de uma mesa, que seriam cartas e e-mails de pessoas em solidariedade ao ato dele. São várias cartas, tipo ofícios de instituições e órgãos públicos. A narrativa segue informando que as visitas não param e, em meio a um grupo de pessoas, é destacada a imagem da senadora, na época, Heloisa Helena, que chega ao local acompanhada de políticos. Ela é filmada abraçando o Bispo, que se mostra alegre com o apoio recebido. Em seguida, a reportagem mostra um trecho da fala da senadora:

O que a gente espera é que as pessoas tenham o mínimo de sensibilidade pra entender que esse momento, que embora para Dom Luís, seja um momento de inspiração divina pra nós, é um momento de tanto sofrimento pra ele, que eles possam se sensibilizar e reabrir toda uma pauta de negociação (informação verbal).

Na sequência, a narrativa do telejornal informa que mais de 30 pessoas que acompanham o religioso estão em jejum. É uma greve de fome solidária que demora vinte e quatro horas. Nas imagens, são mostradas representantes de instituições, religiosos que leem a Bíblia e pessoas que estão no local, incluindo romeiros. A câmera volta a evidenciar imagens do Bispo com a mão sobre os olhos e sentado num batente, enquanto a maioria das pessoas aparecem abaixo dele, um recurso que resgata a ideia do Messias, aquele que é ouvido por muitos e vem em nome do divino. Em seguida, encerrando a reportagem, vem a fala de um morador, nesse ponto a imagem também é fechada no rosto do entrevistado, como forma de captar a emoção, na fala ele diz: “é uma causa não só de Dom Luís, mas é uma causa em defesa de toda vida, do rio São

Francisco” (informação verbal).

Relacionam-se, assim, tais evidências com a decisão do Bispo em permanecer no seu combate. Neste trajeto antropológico, as “pulsões internas” simbiotizam-se com as “intimações”, pressões do meio “cósmico e social” (DURAND, 1998), disto resultando o Imaginário, representado de forma simbólica, a fragilidade do Bispo. Desse modo, as imagens ressaltam que:

O imaginário humano articula-se por meio de estruturas [...] que gravitam ao redor dos processos matriciais do ‘separar’ (estrutura heroica), incluir (estrutura mística) e ‘dramatizar’ (estrutura disseminatória), ou pela distribuição das imagens de uma narrativa ao longo do tempo (DURAND, 2001, p. 40).

As peculiaridades de cada uma dessas estruturas fornecem pistas para a organização ou reorganização das imagens de luta e sua dimensão simbólica. Na segunda reportagem analisada, vamos tentar compreender como o Imaginário coletivo é processado pela mídia quando envolve a questão da vida e da morte. Nesse quadro, voltamos a recorrer a Mitocrítica, como forma de entender a construção das imagens pelo telejornalismo e sua contribuição ao Imaginário.

OFF// FINAL – GREVE DE FOME
<https://youtu.be/2OZLMlbtN7Y>

OFF// A NOTÍCIA DA LIMINAR EXPEDIDA ONTEM PELO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL/ CAIU COMO UMA BOMBA EM SOBRADINHO/ HÁ QUARENTA QUILOMETROS DE PETROLINA// DOM LUIS FLÁVIO CAPPPIO DESMAIOU NO INÍCIO DA TARDE// POR VOLTA DAS OITO HORAS DA NOITE/ O BISPO DE BARRA, NA BAHIA, FOI SOCORRIDO ÀS PRESSAS PARA UM HOSPITAL PARTICULAR DE PETROLINA// O BISPO DE JUAZEIRO E DE PETROLINA/ OS PARENTES DE DOM LUIS, ACOMPANHARAM O FREI//

SONORA: Irmão de Cáppio “Um belo susto porque foi algo assim meio inesperado. A impressão que ficou é que o espírito dele não sustentou.// Essa decisão do Supremo também tenha contribuindo pra isso”.



Figura 2. Pessoas na fila para visitar o Bispo.

Figure 2. People in line to visit the Bishop.

Fonte: Centro de documentação Tv Grande Rio

PASSAGEM - DOM LUIZ FLÁVIO CÁPIO ESTÁ INTERNADO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA DESTE HOSPITAL. DE ACORDO COM OS MÉDICOS DA FAMÍLIA QUE A UM SEMANA ACOMPANHAM O FREI / ELE DEU ENTRADA NO HOSPITAL SEMI CONSCIENTE COM O ESTADO DE SAÚDE, COMPROMETIDO POR CAUSA DO JEJUM//

OFF// DOM LUIS CÁPIO ALGUNS DIAS JÁ MOSTRAVA SINAIS DE CANSAÇO, ONTEM O FREI NÃO CONVERSOU COM A IMPRENSA, NEM ATENDEU AOS ROMEIROS COMO DE COSTUME// NO VIGESSÍMO QUARTO DIA DA GREVE DA FOME, DOM LUIS EMAGRECEU QUASE DEZ QUILOS//

DESDE A SEMANA PASSADA, AS OBRAS DE TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO, NO SERTÃO DO ESTADO ESTAVAM PARADAS POR DETERMINAÇÃO DA JUSTIÇA/ A PREVISÃO É QUE SEJAM RETOMADAS DEPOIS DO PERÍODO DAS FESTAS DE FIM DE ANO.//

Neste dia o sol predominava fortemente, as poucas nuvens traziam sombras espaçosas. É neste cenário onde acontece a última reportagem analisada nesse artigo. Em meio as imagens de ângulos abertos, onde aparece a lateral da igreja, veículos e grupos de pessoas, além de mastros com bandeiras em sinal de luta e combate, o repórter informa que a liminar expedida pelo Supremo Tribunal Federal caiu como uma bomba em Sobradinho, cidade do interior baiano, onde acontece o ato de greve de fome.

Na sequência, são mostradas imagens de pessoas no local, a maioria romeiros, o que tenta evidenciar que o movimento no local está agitado e tenso. Em outro momento, a reportagem recorre a uma imagem do arquivo e volta a exibir imagens do Bispo sentado numa cadeira com um olhar pensativo, estimulando na audiência um sentimento de compaixão.

No próximo quadro, há uma mudança de imagens que passam do dia para a noite. Nesse momento, a narrativa passa a exibir a imagem de uma ambulância em movimento chegando na porta de um hospital. Na sequência, vemos o franciscano sendo retirado do veículo em uma maca, os ângulos das imagens se concentram no rosto mais especificamente no nariz do religioso, que traz um acessório para ajudar na respiração. Com as mãos cruzadas sobre a barriga, a imagem evidenciada também é de uma bolsa de soro, acoplado ao braço. Nesse cenário, pressupomos existir uma intenção do telejornal em sensibilizar a audiência com imagens e enquadramentos que denotam a possível morte de Cápio. Em seguida, as

imagens mostram profissionais da imprensa.

O próximo foco da reportagem se volta agora para os corredores pelos quais a maca faz uma pequena trajetória. Novas imagens de religiosos que apoiam o Bispo são mostradas. Nesse intervalo, entra a fala do irmão de Cáppio “Um belo susto, porque foi algo assim meio inesperado. A impressão que ficou é que o espírito dele não sustentou. Essa decisão do Supremo também tenha contribuído pra isso” (informação verbal). Nesse momento, a narrativa vai para a passagem do repórter que, diferente de outras vezes, aparece de terno e gravata em frente ao hospital, onde o religioso deu entrada, uma indicação de que o fato parece ter uma maior relevância e pode ser exibido em rede nacional. Na fala, ele diz: “Dom Luís Flávio Cáppio está internado na unidade de terapia intensiva deste hospital. De acordo com o médico da família que há uma semana acompanham o Bispo, ele deu entrada no hospital semiconsciente, com o estado de saúde comprometido por causa do jejum” (informação verbal).

Logo após a passagem do repórter, as imagens se voltam para arquivos, e voltam a mostrar Cáppio ensaiando um passo do toré, dança indígena. Na sequência, aparecem imagens de religiosos da região, que dão apoio ao Bispo, mais imagens de romeiros são veiculadas e novamente o vemos sentado na cadeira. A narrativa tenta acentuar que, durante os 24 dias do jejum, o Bispo emagrecceu dez quilos; as imagens focam no rosto do franciscano como comprovação da afirmação evidenciado um rosto mais magro. A seguir, a reportagem mostra o local das obras de transposição, onde vemos máquinas paradas na cidade de Cabrobó-PE. As imagens do rio também são veiculadas e a reportagem é encerrada com uma imagem deserta, sem rio ou máquinas.

Partimos da ideia de que a teoria do Imaginário revela que, conforme a relação ou reação do ser humano diante da vida e da morte, seu maior ou menor medo do passar do tempo e da realidade dos perigos na vida, da morte, se apresenta nele um Imaginário com estrutura diferente. Pode ser que ele enfrente a morte lutando contra ela, de forma heroica, representando seu Imaginário em imagens do “regime diurno” (Durand, 2001); pode acontecer dele se acomodar “antifráscicamente” (Durand, 2001) e pensar na sua (impossível) imortalidade, eufemizando a realidade da finitude humana; para este, quem morre são os outros; pode ainda existir outro ou outros que “disseminam” (Durand, 2001) as imagens, variam, diacrônica ou sincrônica, de atitude ante o fenômeno, por vezes “esquizomorficamente” (Durand, 2001); erguendo a espada contra o monstro mortal e, em

outras vezes, acomodando-se no aconchego de um refúgio protetor, aonde a morte não chega. Estas duas últimas formas de representar as imagens – heroica/esquizomorfa e antifráscica/mística – situam-se, conforme Durand (2001), no regime noturno das imagens.

Como afirma Gilbert Durand (2001), o imaginário é a arma que é dada ao ser humano para vencer o medo da morte e a angústia do passar do tempo. Esta angústia e este medo se configuram, se expressam, nas imagens e na fala do repórter descrevendo a cena, como o Bispo desfalecido, e como a população age ou reage: enfrentando-a, lutando. São os símbolos angustiantes do regime diurno (esquizomorfa), dissipando as trevas, perseguindo a luz, ou despistando-a, escamoteando-a, eufemizando-a (antifráscica), como se ela não existisse, ou fosse ainda harmonizando os contrários (disseminação).

Desse, aparece o “Refúgio”, pertencente ao regime noturno das imagens, remete às estruturas místicas, antifráscicas, e diz respeito a um imaginário oposto ao precedente; simboliza a proteção e o aconchego, pode representar lugar protetor, guardado, íntimo, recipiente, feminilidade maternal, embarcação, tumba etc.

A imagem da figura do Bispo com as mãos juntas, entregue, o estado debilitado, representa o retorno ao refúgio primordial, o feto no útero materno; a mãe terra pode se referir ao túmulo num microuniverso heroico, o elemento refúgio será sempre um lugar de refúgio contra um perigo, enquanto para o Imaginário místico, o refúgio é símbolo de bem-estar e da vida em paz, conforme um sentido arquetípico.

O elemento Refúgio aparece com a imagem da paróquia e representa o refúgio de forma religiosa. Bachelard (1988, p. 27-29) lembra que “antes de tudo o homem é colocado no berço da casa; [...] depositário das lembranças [...] e é pelo espaço e no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais”. Entre os simbolismos atribuídos, encontram-se: paz, tranquilidade, segurança, proteção, refúgio, lugar bom, espiritualidade, contato com Deus, que compreende e dá segurança, abrigo. Assim, tanto o Bispo quanto os religiosos, vivenciam este processo de enfrentamento. Mesmo com acentuada presença negativa da morte, que ameaça e fragiliza o franciscano.

Desse modo, partimos do pressuposto de Durand (2001), quando ressalta que mais que identificar a estrutura do imaginário de um grupo ou indivíduo, o que importa é reconhecer – como foi feito no desenrolar da pesquisa e de nosso caso da análise das imagens e entrevistas – a visão



Figura 3. Bispo dando entrada no hospital, saindo da ambulância.

Figure 3. Bishop entering the hospital, leaving the ambulance.

Fonte: Centro de documentação Tv Grande Rio

de mundo, daquele mundo à parte; a maneira peculiar do Bispo ver a vida e a morte, dele e do rio São Francisco.

Considerações finais

A maneira pelo qual a razão sensível e o Imaginário se processam na mídia, mas especificamente no telejornal, nos possibilita uma compreensão de como essas imagens e essas narrativas míticas caminham junto com a técnica, as subjetividades profissionais influenciando ângulos e práticas cotidianas em processos que envolvem elementos da mediação e da midiatização. As interações socioculturais e as imagens das mídias ajudam a desenhar quadros onde o jornalismo sai do puro aspecto instrumental para algo menos dogmático e criativo, para o qual a recepção também ocupa um lugar importante no processo comunicacional de criação e fixação de imagens.

Nesse cenário, tal pesquisa contribui com o pensamento de Gilbert Durand nos estudos das imagens simbólicas, compreendendo como os recursos midiáticos, especificamente do telejornal, são utilizados para construir imaginários, o que também contribui para os estudos do jornalismo observando que para além dos limites da centralidade sustentada em fatos e acontecimentos objetivos, desprovidos de um caráter simbólico e mítico, o telejornal está inserido em cenários simbólicos que para além de um conceito ideológico, manipulador e de manu-

tenção do status quo, pode nos oferecer ângulos diferentes para pensar o papel das notícias na produção de sentidos.

Não tivemos nesse trabalho a intenção de darmos um maior alcance dessas imagens no processo de midiatização ou circulação das imagens em outras plataformas, nos restringindo assim ao que foi veiculado no telejornal realizando uma análise Mitocrítica. Contudo, tentamos apresentar um esboço de como os estudos da midiatização na teoria do Imaginário são férteis e contribuem para pesquisas nas áreas do jornalismo e da comunicação, que estão diretamente relacionadas as relações com a cultura, a política e a mídia. Nesse ponto, também não houve a intenção de achar explicações lógicas fechadas para o fenômeno apresentado, mas sim, possibilitar uma reflexão de como a mídia faz esse diálogo entre o racional e o simbólico demonstrando como emissor e receptor ajudam a construir imagens e símbolos num processo que inclui uma completa teia de relações, onde os afetos, a cultura, o mito e as regras e técnicas do campo jornalístico dialogam.

Analisando as duas reportagens do telejornal, fugimos também dos cânones legitimadores da objetividade jornalística, isenta da emoção e da imaginação, focando-nos em compreender como as imagens são captadas, editadas e como o casamento do texto produz esses efeitos que ultrapassam uma lógica utilitária, dando ao estudo uma dimensão humana da comunicação.

Nesse cenário, nos valem da Mitocrítica, com o

propósito de compreender como os mitos se processam num casamento entre essa dimensão técnica instrumental e imaginária. Mergulhados nessa lógica, compreendemos que no processo da construção das duas reportagens existem memórias ancestrais, traços dos arquétipos, matrizes mitológicas, como também contextos históricos, políticos tão importantes as questões do jornalismo, que procuram dar sentido a luta pela vida, a superação das limitações, numa batalha diária contra monstros quase indestrutíveis, no caso específico dessa pesquisa, o mostro da transposição.

Ao lançar nosso olhar dentro de um produto televisivo, levamos em conta também que mesmo agindo num tempo presente, o telejornal parece produzir sentidos atemporais, que estão na ordem do mito, mas não de modo determinista cristalizado. Seria então essa a forma como esse produto capta imagens universais, trazendo-as para o presente e espaço cultural onde é veiculado e midiaticizado. Seja na literatura, na arte, no cinema e também no telejornalismo, o Imaginário circula de modo a promover uma ligação que está diretamente atrelada ao modo como vemos o mundo, como sentimos e como agimos diante dele.

Dessa maneira, com base nos processos de midiaticização e de uma análise Mitocrítica, a imagem do altruísmo, do destemido e do sacrifício do Bispo, aparecem no telejornalismo como símbolo de luta, que estimula os atores sociais a pensar na morte do próprio Bispo e nos aspectos ambientais que envolvem a vida do rio e seu possível colapso. Estaríamos então diante do “mitema do destemido”, ou seja, da ideia que se repete em toda a narrativa aqui apresentada. Esse mitema vem acompanhado de outros elementos da Mitocrítica, que nos ajudam a compreender como as imagens universais e os mitos movimentam os homens em suas pulsões individuais ou coletivas, sem explicações que os afastem de sua vivência histórica.

Diferente de obras fictícias do cinema ou da literatura, no telejornal essas imagens são também alimentadas com discursos retóricos dos jornalistas, como porta vozes consolidados dos fatos e acontecimentos do cotidiano, além das complexidades da reportagem. Nesse quadro pressupomos que o Imaginário coletivo nos fornece também ferramentas, elementos para pensar as questões que dizem respeito ao esgotamento das fontes de água no planeta, nos servido assim de suporte para tentar compreender a força dessas imagens na condução de práticas sociais que podem de forma direta ou indireta, traçar novos ângulos para pensar a questão das águas e

dos rios de modo que não podemos negar a razão sensível e a força real que move o Imaginário.

Com base nessa observação, acreditamos que esse estudo estimula outras pesquisas, para as quais se possa compreender o processo de circulação das imagens das águas do Velho Chico e sua transposição em outros dispositivos midiáticos, ampliando a discussão, de modo a compreender também como essas imagens são operacionalizadas, num processo que envolve atores individuais midiaticizados e suas relações socioculturais.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. 1999. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 1ª.ed. Recife: Massagana, 340 p.
- BACHELARD, G. 1988. *A poética do espaço*. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 246 p.
- _____. 1989. *A água e os sonhos*. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 202 p.
- BARNETT, Barbara. 2006. *Medea in the media: narrative and myth in newspaper coverage of women who kill their children*. Journalism. London, v. 7, n. 4, pp. 411-432.
- BARTHES, R. 1973. *Introdução à análise estrutural da narrativa*. In: *Análise estrutural da narrativa: pesquisa semiológica*. Petrópolis: Vozes.
- BENETTI, M. 2004. *Jornalismo e a lógica transversal do imaginário*. In: *Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, II, 2004*, Salvador. Anais eletrônicos... Brasília: SBPJor.
- BENJAMIN, W. 1987. *O narrador*. 3ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 222 p.
- BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. 1993. *Mito, registro e histórias: explorando as qualidades narrativas das notícias*. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, pp. 263-277.
- BRAGA, J. L. 2006. *A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 350 p.
- CHARAUDEAU, P. 2012. *Discurso das mídias*. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, 288 p.
- DARTAN, Robert. 1975. *Writing news and telling stories*. Daedalus, v. 2, n.104, pp. 175-194.
- DURAND, G. 1988. *A imaginação simbólica*. 1ª.ed. São Paulo: Cultrix, 116 p.
- _____. 2001. _____. Lisboa: Edições 70, 111p.
- _____. 1996. *Campos do imaginário*. 1ª.ed. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 284 p.
- _____. 1998. *O imaginário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 122 p.
- _____. 1985. *Sobre a exploração do imaginário, seu vocabu-*

- lário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, análise e mitocrítica. *Revista da Faculdade de Educação*, **11**(1-2): 244-256.
- ELIADE, M. 1991. *Imagens e símbolos*: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. 1ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 178 p.
- FAUSTO NETO, A. 2009. *Jornalismo: sensibilidade e complexidade*. *Revista Galáxia*, **7**(18): 17-30.
- MACHADO, 2003. A. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac.
- MAFFESOLI, M. 1998. Elogio da razão sensível. 3ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 p.
- _____. 2001. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, **1**(15): 74-82.
- MAIA, F. D. 2011. *O Jornalismo entre o efêmero e o eterno: imaginário e natureza na Globo Rural (1985 – 2010)*. 2011. 171 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Santa Catarina.
- MILLER, T. 2009. *A televisão acabou, a televisão virou coisa do passado, a televisão já era*. Disponível em: <<https://www.tobymiller.org/images/espanol/A%20TV%20em%20trans%20NOTAS%20AJUSTADAS.pdf>>. Acesso em 08 de jul. 2018.
- MOTTA, L. G. 2006. A Psicanálise do Texto: a mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, IX, Porto Alegre, 2000. Anais... **9**:1-16 p.
- OLIVEIRA, D. D. 2018. O telejornal como um produto cultural expandido. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 20., 2018, Juazeiro-BA. **Anais eletrônicos...** Juazeiro- BA: UNEB.
- PITTA, D. P. 2005. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 106 p.
- ROSA, A. P. da. 2014. Imagens totens e circulação: a chancela jornalística no caso Michael Jackson. *Revista E-Com-pós*, **17**(2): 1-18.
- SANTAELLA, L. 2001. *Comunicação e pesquisa*. 1ª.ed. São Paulo: Hacker, 216 p.
- SILVA, J. M. 2006. *As tecnologias do imaginário*. 2ª.ed. Porto Alegre: Sulina, 111 p.
- TEIXEIRA, M. C. S. 2004. Entre o real e o imaginário: processos simbólicos e corporeidade. *Espaço informativo técnico-científico do INES*, **21**: 39-53.
- TV GRANDE RIO. 2007. *Fragilidade - Frei Cáppio*. Disponível em: <https://youtu.be/F8oxjidZCV4>>. Acesso em: 30/05/2015.
- VIZEU, A. E.; CORREIA, J. C. 2009. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *Revista Famecos*, **16**(40): 77-83.